

O SEVERO E JUSTO SR. MERCADO

As turbulências de agosto na economia mundial, cujo efeito mais visível foi a queda dos preços das ações nas bolsas de valores, animaram políticos de fala inflamada e cérebro iletrado a praguejarem com veemência contra o mercado. Sob a acusação de ser o culpado pelas crises e abalos nas economias dos países, o “mercado capitalista” foi alvo de críticas violentas e de propostas para o “controle social” dessa entidade satânica. Duas coisas chamam a atenção: o tamanho da ignorância de alguns aguerridos críticos do mercado e o imenso espaço que suas bobagens ocupam na imprensa.

Toda crise merece ser examinada e suas causas são passíveis de críticas; quanto a isso não há discordância. O que choca, entretanto, é que os opositores do mercado parecem não entender o que ele é, como funciona, que leis o regem, qual a sua lógica e qual o seu papel no funcionamento da sociedade. É estranho que o mercado seja achincalhado como causador da crise, quando na prática ele atua como um instrumento de punição das condutas imprudentes e impede a continuação de tais condutas. Parece a história do viciado em drogas que se interna numa clínica de recuperação e, ao sentir tremores desagradáveis pelo corpo, põe-se a culpar o médico que lhe retirou a substância do vício. O mercado faz o papel do médico: gera desconforto para corrigir os vícios.

Como uma arena implacável, diariamente o mercado avalia as práticas dos agentes que nele atuam: os produtores, os consumidores, os compradores, os vendedores, os empresários, os financiadores, os governos etc. O prêmio vai para aqueles que fazem as coisas de forma correta e satisfazem os interesses dos consumidores e clientes. As ineficiências e as medidas incorretas são rapidamente punidas e seus causadores são expulsos do mercado. Uma empresa que utiliza mal os recursos produtivos, ao submeter-se à competição no mercado, é condenada a perdas financeiras e, ao final, é expulsa do setor. Prejuízo e falência são punições impostas aos ineficientes e imprudentes.

As quedas nas bolsas foram reações do mercado à imprudência de bancos americanos que deram empréstimos a pessoas físicas, em valores superiores ao valor dos imóveis hipotecados como garantia. Percebendo a fragilidade dessas operações de crédito e a possibilidade de prejuízos para construtoras e bancos, o mercado rapidamente refletiu as más práticas e rebaixou o preço das ações negociadas em bolsa... o resto é história conhecida: a queda nos preços dos ativos financeiros contagiou vários segmentos da economia mundial e as más práticas foram rapidamente punidas e começam a ser contidas.

Se o senhor mercado não fosse um fiscal severo e rigoroso que pune prontamente os maus comportamentos, os responsáveis pelas condutas erradas e nocivas poderiam prosseguir tranquilos com seus erros e equívocos, pelo menos por um tempo muito mais longo. Portanto, o mercado é o remédio contra ineficiências e má gestão dos negócios, e não o causador dos males e das crises. Nesse ponto simples e singelo é que está a essência da questão. Os coveiros do mercado não entendem que ele atua exatamente para impedir o prosseguimento dos erros e não é o causador das catástrofes como acreditam que ele seja. Sem o sistema de sinais que somente a economia livre de mercado produz, seria

JOSÉ PIO MARTINS
ECONOMISTA

difícil detectar condutas imprudentes, medidas erradas, políticas equivocadas, práticas destrutivas e má gestão dos negócios públicos ou privados. A única coisa que os coveiros do mercado precisam enterrar é a sua ignorância sobre o funcionamento dessa instituição fantástica inventada pela humanidade, que opera sob a divisão do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção.

Culpar o mercado livre pela crise financeira refletida na queda das bolsas é o mesmo que culpar as árvores pelo incêndio na floresta. Pregar a intervenção e a regulação do governo sobre a liberdade de mercado pode ser exercício útil de demagogia política para ganhar eleição, porém jamais uma receita de salvação... Melhor seria que esses políticos lutassem para haver mais educação, para si e para os que neles acreditam; quem sabe assim ficassem um pouco constrangidos por dizerem tanta bobagem com tanta convicção e desfaçatez.

José Pio Martins, professor de Economia e Vice-Reitor do Centro Universitário Positivo - UnicenP

Os artigos de economistas divulgados pelo CORECON-PR são da inteira responsabilidade dos seus autores, não significando que o Conselho esteja de acordo com as opiniões expostas. É reservado ao CORECON-PR o direito de recusar textos que considere inadequados.